

OS ABRAÇADOS

AUTOR: Antonio Miranda

Número de personagens: 2 homens

Personagens:

Ramón - ex-universitário

Herrera - ator

Número de páginas: 64

Número de exemplares: 6

Atos: 1

Tema: Dois homens se encontra após muito tempo, um deles foi preso e torturado e espera seu troturador para matá-lo, o mesmo era conhecido dos dois.

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

**TEATRO DE ARENA - 226-0242**  
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

Ok  
redVelh

365  
A

ALEX  
até 10/9

"OS ABRAÇADOS"

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90000

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ANTONIO DE AQUINO MIRANDA  
(ANTONIO MIRANDA)

**"OS ABRACADOS"**

**ANTONIO MIRANDA**

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

**OBSERVAÇÃO:** - É proibida a representação deste texto, sua reprodução por quaisquer meios mecânicos, no todo ou em parte, sem autorização expressa do Autor, através da S.B.A.T. - Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais. -

**"OS ABRAÇADOS"**

**PERSONAGENS:** Afrânio (25 anos)  
Alfredo (25 anos)

**CENA:** Calçada com poste de luz, tendo ao fundo imenso e comprido muro.

**AÇÃO:** Noite alta, madrugada.

**ÉPOCA:** Atual.

**LOCAL:** Rio de Janeiro - Brasil.

**"OS ABRAÇADOS"**

**- Ato Único -**

-(Abrem-se as cortinas. É noite alta. Entram Afrânio e Alfredo sobre a calçada - andam até o poste de luz.)-

ALFREDO - Só não entendo, Afrânio, como é que você vai esperar outro cara a essa hora.

AFRÂNIO - E é aqui.

ALFREDO - (param. Depois de observar) Nessa rua sem saída, qua se de madrugada? Que encontro é esse?

AFRÂNIO - (olhando para o relógio no pulso) Ainda é cedo.

ALFREDO - Nós mal nos encontramos, disse que tinha pressa em chegar!

AFRÂNIO - Não te convidei pra vir comigo. Veio porque quisi

ALFREDO - (com desânimo) Pô... ,depois de tantos anos, ...

AFRÂNIO - É muito importante.



ALFREDO - Nessa rua sem saída?

AFRÂNIO - E o que é que tem?

ALFREDO - Iiii... Não sei não.

AFRÂNIO - Desde quando não nos viamos?

ALFREDO - Dos nossos, (pensa) dezesseis, dezessete anos.

AFRÂNIO - (surprêso) Tudo isso?

ALFREDO - É.

AFRÂNIO - Como passou rápido...

ALFREDO - Muito... Muito rápido.

AFRÂNIO - (pensativo, sentando-se no meio-fio, encostando-se no poste) Puxa... Parece que foi ontem.

ALFREDO - (sentando-se) Parece mesmo.

AFRÂNIO - Tempo bom, aquele, ...

ALFREDO - (relembrando) É... As nossas brincadeiras, ...o nosso joguinho de bola, ...a rua de cima contra a rua de baixo. ...Chupeta, o nosso mascote.

AFRÂNIO - É verdade. Aquele cachorro magro, esquelético, babado que ninguém queria. De bege e marron, morreu rôxo.

ALFREDO - Rôxo-píca.

AFRÂNIO - Olhava pra gente sempre assim (imitando).

ALFREDO - Dava pena.

AFRÂNIO - A tristeza que se arrastava.

ALFREDO - Lembra da Dulce?

AFRÂNIO - É como é que vou esquecer aquela bunda de ninguém botar defeito?

ALFREDO - De inauguração da rua do meretrício.



AFRÂNIO - (sensual) Nadegas suave, doce, muuuiito doce.

ALFREDO - (fazendo biquinho com a boca) Dulciíssima.

AFRÂNIO - (pensativo) Como ame! Dulce...

ALFREDO - (pensativo) Eu também...

AFRÂNIO - Até acho que foi nossa primeira namorada?

ALFREDO - Acha não: -foi. Você saía, e eu entrava.

AFRÂNIO - E você saía, e eu entrava. Ela sempre tinha um elogio

ALFREDO - (interrompendo, com voz de mulher afetada, exagerado)  
"A maravilha do universo. Esse vai desbagaçar um monte."

AFRÂNIO - (surpreso) Ué! Te dizia a mesma coisa?

ALFREDO - Esqueceu? Ela nos amava.

AFRÂNIO - (decepcionado) É... Agora tenho certeza.

ALFREDO - (com orgulho) Todo mundo olhava pra ela, e ficavam ba  
bando na gravata.

AFRÂNIO - De inveja, ... (tom) até que morreu.

ALFREDO - (pausa, surpreso) Morreu? De quê?

AFRÂNIO - Não lê jornal?

ALFREDO - De quê?

AFRÂNIO - Assassinada. Violentada. Encontrada de bruços com dois  
tiros.

ALFREDO - Não brinca.

AFRÂNIO - É sério. Ninguém sabe quem foi.

ALFREDO - Mas como?

AFRÂNIO - Sei lá. Talvez vingança, ciúme, ... Fazem muito mais  
por aí, e fica tudo por isso mesmo.

ALFREDO - Tão amada e morre tão estupidamente?

AFRÂNIO - (com rancor) Somos tratados como se fossemos um monte de merda. Lixo. É a vida. É o mundo em que vivemos.

ALFREDO - Pode ser. (tom) Mas Afrânio, em que que você trabalha?

AFRÂNIO - Em nada, e você?

ALFREDO - Sou ator. (surprêso) Ei, espera aí: não faz nada?

AFRÂNIO - (desconcertado) Não. Vivo, vivo pra resolver um negócio aí!

ALFREDO - (irônico) Pô! Não faz nada e tem negócio aí?

AFRÂNIO - Cê não vai entender. (irritando-se) Porque que não vai embora, hém?

ALFREDO - Ô Afrânio, que isso?, de repente me mandando embora?

AFRÂNIO - (enfático) Não tenho nada com a tua vida nem você com a minha.

ALFREDO - (com os braços abertos, em defesa) Está bem, está bem. Tudo bem. Só quero que saiba que continuo teu amigo. E nada me impede de te ajudar. (pausa. Afrânio baixa a cabeça) Afrânio, o que foi que te aconteceu?

AFRÂNIO - (olhando para o relógio no pulso) Quer mesmo saber?

ALFREDO - Se estou perguntando...

AFRÂNIO - (olhando para os lados, pensativo) Não sei, não sei. Não sei se devo te contar.

ALFREDO - Ora, deixa disso.

AFRÂNIO - São coisas, cara, ...coisas que acontecem com a gente.

ALFREDO - (ansioso) Que coisas, porra? Conta logo.

AFRÂNIO - Já que insiste... Depois não reclama.

ALFREDO - Tá. Fala.

AFRÂNIO - Entrei numa fria. Levei um abraço.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020-025

ALFREDO - (pausa. surrêso) O-que-é-isso?

AFRÂNIO - Me deram um apertão. Uma sessão de pau.

ALFREDO - (com espanto) Isso ainda existe?

AFRÂNIO - É meu irmão, isso ainda existe - de verdade.

ALFREDO - Mas como? Porque?

AFRÂNIO - Não sei.

ALFREDO - (pausa) Não sabe?, e como é que foi?

AFRÂNIO - (pensativo) Um horror. Um hor-ror.

ALFREDO - (ansioso) Conta, porra.

AFRÂNIO - (com gesto) Calma. (pausa) Numa noite, tava saindo da faculdade, quando dois caras me mandaram entrar num carro estacionado em frente. Eu queria saber do que se tratava, e êles diziam que ali não, que acompanhasse eles.



ALFREDO - E você...?

AFRÂNIO - Tudo na base do vamos que temos que conversar agarran  
do meu braço me arrastando e o outro me empurrando.

ALFREDO - Alguém viu?

AFRÂNIO - Ninguém vê nada, mesmo que estejam do teu lado.

ALFREDO - E depois?

AFRÂNIO - Depois entrei no carro, me puseram venda nos olhos, e  
o carro começou a andar.

ALFREDO - Pra onde?

AFRÂNIO - Não sei. Só sei que andamos um bocado, muitas curvas,  
muitas voltas, ... Quando o carro parou me tiraram a  
venda. Saimos e estávamos em frente a um casarão ve-  
lho, antigo, do tipo... abandonado.

ALFREDO - Fica longe?



AFRÂNIO - Já disse que não sei. Deve ficar. O lugar não conheço. Um deles me avisou que não tentasse nada, senão não voltava.

ALFREDO - E a essa altura,... tentar o que?

AFRÂNIO - Claro. Entramos na casa, tudo meio escuro, sem móveis, sem nada. Andamos por um corredor e chegamos a uma peça mal iluminada por uma vela no chão, perto duma cadeira, e outro cara que nos esperava.

ALFREDO - Só isso?

AFRÂNIO - (surpreso) E você acha pouco?

ALFREDO - Foi levado prum lugar estratégico, e lá só tinha um cara te esperando?

AFRÂNIO - (irritado) Pôrra, queria que tivesse um pelotão?

ALFREDO - (desconcertado) Ô Afrânio,

AFRÂNIO - (continuando) Fui entregue a domicilio pro Miguel Tor-

res e acha pouco?

ALFREDO - (muito surpreso) Miguel Torres!!! O Miguelzinho?!

AFRÂNIO - Ele mesmo.

ALFREDO - Péraí, péraí: - aquele que o pai deum um flagra sendo comido por outro, levou um tremendo cassête que todo mundo ficou sabendo?

AFRÂNIO - É, êsse mesmo.

ALFREDO - (desapontado, pondo as mãos no rôsto) Não é possível.

AFRÂNIO - Miguelzinho, filho-da-puta; criado conosco, na mesma rua, jogando bola com a gente e tudo mais.

ALFREDO - (desolado) Puta-qui-pariu...

AFRÂNIO - Puta-qui-pariu digo eu. (com outra voz, grossa) "Tai o cara, Miguel. É tudo contigo." Ele me mandou sentar e eu sentei.

ALFREDO - Onde?

AFRÂNIO - (irritando-se) Na cadeira. Ou tava querendo que sentasse no cólo d'ele?

ALFREDO - (desconcertado) Não, não é isso.

AFRÂNIO - (levantando-se) Então deixa eu terminar, merda.

ALFREDO - Tá bem, tá bem.

AFRÂNIO - (de pé, encostando-se no poste) Foi logo dizendo que não me conhecia, nunca tinha me visto mais gordo e o escâmbau. E eu querendo saber o porque de tudo aquilo, e êle esticando o corpo estufando peito com voz grossa - (imitando) "Nós é que queremos saber o que tá acontecendo."

ALFREDO - Assim é brabo.

AFRÂNIO - (continuando, revivendo) Não sei bem o que tô fazendo aqui, (imitando) "Sabe sim e vai contar tudô!"

ALFREDO - Mas, contar o que?

AFRÂNIO - E eu sei? Me fêz um monte de perguntas que não entendi dia, abaixo de bufetão, ponta-pé, porradas mil!

ALFREDO - Pelo amor da Santa...

AFRÂNIO - (continuando) Derrubou minha cadeira umas duzentas vê zes, me mandando sentar de novo, sempre com ponta-pé nos meus bagos e o diabo.

ALFREDO - Todo tempo, isso?

AFRÂNIO - A noite toda e o dia seguinte também.

ALFREDO - Porrá!

AFRÂNIO - O Miguelzinho filho-da-puta não cansava nunca.

ALFREDO - Deve ter tirado o recalque em ti.

AFRÂNIO - Com as mãos emendava com os pés. No final eu já nem sentia mais nada.

ALFREDO - (desolado) Quê que isso...?

AFRÂNIO - Quando tudo parô, eu tava surdo, tonto, e zonzo. Só pra se ter uma idéia do meu estado - não conseguia ficar de pé.

ALFREDO - Deve ter virado num abacaxi.

AFRÂNIO - Parecia que um trator tinha passado por cima de mim.

ALFREDO - Só imagino. E depois, te largaram onde?

AFRÂNIO - Me arrastaram até o carro, me vendaram e me largaram perto da faculdade, num bagaço sem gosto.

ALFREDO - E logo o Miguelzinho...?

AFRÂNIO - Pra você vê.

ALFREDO - Também, sabe-se lá os motivos verdadeiros que êle

AFRÂNIO - (interrompendo) Não fode, porra. Vai querer defender êsse puto?

ALFREDO - Poderia estar no lugar dêle.



AFRÂNIO - Acontece que não estou; muito pelo contrário: meu nome é Afrânio, e nunca fui comido por ninguém!

ALFREDO - Mas êle pode

AFRÂNIO - (interrompendo) NÃO ME INTERESSA!!! Quem se fudeu fui eu! Não êle.

ALFREDO - Ô cara, não tô defendendo o Miguel.

AFRÂNIO - Era só o que faltava.

ALFREDO - (pausa. Observando Afrânio que anda de um lado para outro) Há quanto tempo foi isso?

AFRÂNIO - Mais ou menos (pensa) ... um mês.

ALFREDO - Não tem certeza?

AFRÂNIO - Depois de uma coisa dessa, a gente perde até a noção do tempo. Só um motivo - um único motivo - é o que interessa.



ALFREDO - Qual?

AFRÂNIO - (enfático) Vingança.

ALFREDO - Como?

AFRÂNIO - Não penso noutra coisa: é dia e noite, noite e dia perguntando, me informando, planejando, tramando. Quase não durmo. Larguei tudo pra isso.

ALFREDO - (irritado) Quer parar de andar e me dizer uma coisa?  
(pausa. Afrânio pára) Como é que vai ser?

AFRÂNIO - (aproximando-se de Alfredo) Será que depois de te contar tudo, diante dessa tua puta insistência, a mi nha pressa em chegar aqui,

ALFREDO - (interrompendo) Está bem, está bem. Talvez eu seja um asno ou uma zebra. O que quero saber, é quem você está esperando?

AFRÂNIO - (irritado) O Miguel, cara.

ALFREDO - E será que êle vem?

AFRÂNIO - Tem que passar aqui, mora na última casa desse fim de rua. Só que êle não sabe que tô aqui, é lógico.

ALFREDO - E como é que vai ser?

AFRÂNIO - (levantando a camisa pondo a mostra revólver enfiado na cintura para dentro das calças) Isso. Isso resolve tudo. (baixa a camisa)

ALFREDO - (pausa. Alfredo passa a mão no rosto, levanta-se) Tô completamente maluco?

AFRÂNIO - (apontando para si mesmo) Eeeeu?

ALFREDO - (com sarcasmo) Não. A minha mãe! (gesticulando) Pi rô, Afrânio? Qual é que é?

AFRÂNIO - Você queria por acaso que eu estivesse aqui pra encher êle de abraços e beijos, é?

ALFREDO - Não te faz de idiota. Tô falando sério.

AFRÂNIO - Eu também!

ALFREDO - (gesticulando, encostando-se no muro) Será que não pensa mais?, não raciocina?, perdeu o juízo? Deve ter comido merda em criança, né cara?

AFRÂNIO - (com gesto) Não fode.

ALFREDO - Será que não consegue encher gar, que matando o Miguel

AFRÂNIO - (interrompendo) Nada disso interessa; o importante é agora. Depois é depois.

ALFREDO - Além dêle deve ter outros.

AFRÂNIO - Ai é outra coisa.

ALFREDO - Não é, sabe que não é.

AFRÂNIO - Esperei por isso todo êsse tempo, e o dia é hoje.

ALFREDO - Pra mim você perdeu a cabeça.

AFRÂNIO - Não, não perdi. (enfático) Isso é o que ainda me man  
tém de pé!

ALFREDO - (pausa. Sentando-se no meio-fio da calçada) Não sei.  
Não sei não. Tô começando a achar que você entrou  
nessa assim tão de graça não.

AFRÂNIO - Como que não? - Sempre fui um cara legal, amigo, com  
panheiro, honesto,

ALFREDO - (interrompendo) Acorda! É perigoso ser assim.

AFRÂNIO - Olha aqui: pra teu governo, na faculdade eles queriam  
que me candidatasse a um cargo no diretório.

ALFREDO - (irônico) Que ótimo.

AFRÂNIO - Só que não aceitei. Não tinha qualquer outra inten-  
ção senão a de terminar o meu curso.

ALFREDO - (pensativo) Ah, já tô entendendo...

AFRÂNIO - Tá entendendo o que?

ALFREDO - (enfático) Você tem sentido de liderança.

AFRÂNIO - Eu?, nunca quis isso.

ALFREDO - Eles te aceitaram como um líder - que inconscientemente você é!

AFRÂNIO - (contrariado, com gestos) Nada disso...

ALFREDO - Não o que?! Não é pra quem quer, é pra quem tem: é nato. E um líder é sempre um perigo.

AFRÂNIO - (contrariado, com gestos) Quê isso?, perigo o quê!

ALFREDO - Claro que é, tá sabendo...

AFRÂNIO - (pausa, sentando-se no meio-fio da calçada) Mas, ... porque eu?

ALFREDO - Raciocina um pouco: - nós tínhamos nosso time de futebol, quem organizava era você, que era o capitão - o dono do time. E nós aceitávamos. Na verdade você sempre tinha razão. E tudo isso continuou acontecer



até na faculdade. Entendeu?

AFRÂNIO - Quer dizer que - êsse é o principal motivo?

ALFREDO - Essa é a causa! Os motivos são outros quinhentos.

AFRÂNIO - Não será porque o Miguel nunca conseguiu ser como a gente, é?

ALFREDO - Pode ser. Lembra que êle sempre foi um cara meio ta citurno, devagar, olhando pra tudo pelo rabo dos olhos, participando de tudo mas, sempre na dêle.

AFRÂNIO - É. Você tem razão.

ALFREDO - Mas não é só isso. De uma forma ou de outra, êle de ve ser um dêsses inimigos oculto que todos nós temos. Talvez, tenha sido essa a oportunidade dêle - diga-se de passagem - bem aproveitada, hém?

AFRÂNIO - Afora aquela enrabação do flagrante do pai dêle.

ALFREDO - Também conta. (tom) Cê teve problemas com a polícia?



AFRÂNIO - Não, nunca tive.

ALFREDO - Se envolveu em política?

AFRÂNIO - Não.

ALFREDO - Tem certeza?

AFRÂNIO - Tenho.

ALFREDO - Afrânio, veja bem: a tua não aceitação à candidatura também é uma posição política.

AFRÂNIO - Pode ser. Mas nunca pensei nisso nem pretendi

ALFREDO - (interrompendo) Não é questão de pretensão. Você também pode ter sido envolvido

AFRÂNIO - (interrompendo) Não me envolvi em coisa alguma.

ALFREDO - Não é por nada, é que isso pode ser um dos motivos.

AFRÂNIO - Meu único objetivo era de terminar meu curso.

ALFREDO - Afrânio, ... (levantando-se) acho melhor o seguinte:  
(seguido por Afrânio) - procura um advogado

AFRÂNIO - (interrompendo, afastando-se com gestos) Advogado um  
caralho! Ah!, pôrra.

ALFREDO - (encostando-se no poste) Esse é o melhor caminho a  
tomar!

AFRÂNIO - (voltando-se, irritado) Mas será que você é cego ou  
não quer encher garra?!

ALFREDO - Ué!, porque?

AFRÂNIO - Não tá vendo que estamos protegidos por leis que não  
estão protegidas por coisa alguma? E te digo mais:-  
-posso existir antes de nascer, estar morto em vida e  
até nem ser!

ALFREDO - Nisso, concordo contigo.

AFRÂNIO - É mais fácil ser prêso por advogado contratado do  
que por qualquer crime cometido. (pausa) Com aquele

puto do Miguel qualquer um conta a vida da mãe! (olhando para o relógio no pulso) Quase contei uma mentira entregando o primeiro nome que veio na cabeça pra que parasse de me bater. Puta-qui-pariu, ... Só eu é que sei.

ALFREDO - Sinceramente, Afrânio: - de qualquer forma acho essa tua decisão errada.

AFRÂNIO - Péraí, péraí: - tá do meu lado ou do lado dele?

ALFREDO - Não é questão

AFRÂNIO - (interrompendo) Tô até me convencendo de que cê tá meio apaixonado por ele, hém?

ALFREDO - (com gesto) Ah, que isso?

AFRÂNIO - Só me recupero dessa matando o Miguel. Aí recomeço tu do de novo.

ALFREDO - Isso é assassinato, e acho tudo uma grande merda - do começo ao fim.

AFRÂNIO - Tua opinião não interessa. EU é que fui torturado.

ALFREDO - Somos torturados todos os dias.

AFRÂNIO - NÃO como EU fui.

ALFREDO - Quer coisa pior do que êsse pensamento te violentando  
do todos os dias?

AFRÂNIO - (com gestos) A vida é violência. E no que é que posso  
pensar?

ALFREDO - (desconcertado) Noutra coisa, ...sei lá. Nada justifi  
fica, ...você é que sabe.

AFRÂNIO - Deixa disso, Alfredo. Deixa disso. Hoje em dia, só  
os hipócritas e os panacas se escandalizam. Não fó  
de.

ALFREDO - (desistindo) É, ...você tem razão. É isso mesmo.  
(pausa)-(Alfredo ajeita a camisa pra dentro das calças, enquanto Afrânio observa atentamente seus movimentos) Ontem tivemos um dia puxado de ensaios, e

hoje também vai ser um dia duro. A estréia é daqui há dois dias.

AFRÂNIO - O que é que pensa que vai fazer?

ALFREDO - Vou embora.

AFRÂNIO - (balançando a cabeça negativamente) Não vai não.  
De jeito nenhum.

ALFREDO - (com leve sorriso) Daqui um pouco mais chega o Miguel, e não quero tá aqui por nada.

AFRÂNIO - Mas vai estar.

ALFREDO - (sério) Será que não entende: - tenho que ir embora.

AFRÂNIO - Agora que sabe de tudo?

ALFREDO - O que é que tem?

AFRÂNIO - Foi você que insistiu pra saber. É o único que sabe.



ALFREDO - Sou teu amigo! E que culpa tenho se entrou nessa?

AFRÂNIO - O que êle fêz comigo, pode fazer contigo. De mais a mais me venderam a desgraça, e vou fazer a tragé dia.

ALFREDO - (desanimado, levantando e baixando os braços, afastando-se) Está bem, está bem. Faça como quiser. Tá com as antenas ligadas num só canal...

AFRÂNIO - (tirando o revólver da cintura e apontando) Estou sim. Mas não vai sair daqui! **PÁRÁ!!!**

ALFREDO - (para e vira-se lentamente) **Quê** isso? Endoidou A-frânio?

AFRÂNIO - (com o revólver apontado) **Nosso-time-ainda-não-tá-perdendo.**

ALFREDO - Não tô em time nenhum, cara. **Baixa** isso.

AFRÂNIO - **Não-vai-sair-daquí!**

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-425

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

ALFREDO - Vê se entende: - não posso fazer nada.

AFRÂNIO - E como é que eu fico depois que você sair?

ALFREDO - Tá pensando que saio daqui e encontro o Miguel

AFRÂNIO - (interrompendo) Tenho certeza!

ALFREDO - Tá louco? Depois do que fiquei sabendo?

AFRÂNIO - Não fica aflito, não fica aflito. Tá quase na hora.

ALFREDO - (em off - uivo de cachorro, distante. Alfredo nervoso tentando sair com Afrânio que aponta o revólver)  
Não, não, de jeito nenhum. Não posso ficar nem que  
ro vê esse puto. O meu compromisso é mais importan  
te.

AFRÂNIO - PÁ-RÁ!! (Alfredo pára) Pára, que não me custa na  
da apertar essa merda. (em off - uivo de cachorro,  
distante)

ALFREDO - (sem se virar) Afrânio: - não vai fazer isso comi-

go, vai?

AFRÂNIO - Faço sim! Qual é a diferença? (em off - uivo de ca  
chorro, distante)

ALFREDO - (virando-se) Puta-merda, que situação.

AFRÂNIO - (em off - uivo de cachorro, distante) Vem e senta  
aqui! (apontando para o meio-fio da calçada)

ALFREDO - Não quero sentar, Afrânio. Tenho que ir embora.

AFRÂNIO - SENTA AQUI!!! (em off - uivo de cachorro, distante.  
Alfredo anda e senta no lugar indicado sob a mira  
do revólver)

ALFREDO - Vê se senta também e te acalma.

AFRÂNIO - (pondo o revólver na cintura) Não quero sentar nem  
ficar calmo. (em off - uivo de cachorro, distante) Tá  
ouvindo? (pausa) Até os cães tem pressentimento.

ALFREDO - É assim que você tá: - um animal.

AFRÂNIO - (andando de um lado para outro) Na verdade queria tá louco, furioso, fudido das idéias. (em off - uivo de cachorro, distante)

ALFREDO - Que ótimo. Matando todo mundo, né mesmo?

AFRÂNIO - O diabo em pessoa.

ALFREDO - Louco se tranca em manicômio. (em off - uivo de cachorro, distante)

AFRÂNIO - Pelo menos lá a gente deixa de ser.

ALFREDO - Ao contrário: - é vigiado e controlado.

AFRÂNIO - Já esqueceu que somos todos loucos? (em off - uivo de cachorro, distante)

ALFREDO - Quem perde o raciocínio é um derrotado.

AFRÂNIO - Antes que me esqueça, enfia essas frases de efeito no cú!

ALFREDO - (irônico) Claro, claro. São minhas, faço delas o que quiser. (em off - uivo de cachorro, distante)

AFRÂNIO - Te convence que hoje é o dia da caça.

ALFREDO - E eu de cúmplice.

AFRÂNIO - Não resmungue. Nessa vida de merda somos todos cúmplices. (em off - uivo de cachorro, distante)

ALFREDO - Tô sabendo: - estamos todos abraçados, uns nos outros.

AFRÂNIO - Torturados! Numa grande sessão de tortura.

ALFREDO - Não, não é tanto assim. Somos responsáveis uns pelos outros.

AFRÂNIO - Só porque você quer. (em off - uivo de cachorro, distante)

ALFREDO - Eu não.

AFRÂNIO - (parando) Então me diz uma coisa: - qual é a diferen



ça entre torturados e torturadores?, se nos cemitérios somos todos iguais? Se somos todos engrenagens de um grande sistema? Vamos? Diz? Responde? (pausa) É difícil responder, não é? (Alfredo baixa a cabeça) Fica sabendo que a tortura pro torturado e pro torturador é eterna, é igual! (pausa. Anda e fica nas costas de Alfredo) Já imaginou os que ficam pendurados no pau-de-arara tomando banho de água fria e apanhando de toalha molhada? Com um cano de polegada enfiado no cú?

ALFREDO - (de cabeça baixa, contrariado) Eu não quero saber, porra.

AFRÂNIO - E os que levam bôlo na sola dos pés e nas mãos com tiras de pneu? E as mulheres grávidas com a barriga no joelho, com as mãos na parede de pé, dois, três, quatro dias? Será que elas merecem tanto? E os que são afogados nos tanques, nos tonéis? E os que morrem seguros pelos cabelos dando com a cara dentro da privada? São tão culpados assim?

ALFREDO - Para de falar.

AFRÂNIO - E os que são enterrados quase vivos, semi-mortos, com três, quatro cadáveres e até mais? E as famílias que são dizimadas inteiras, dadas como desaparecidas, inclusive seus filhos menores que não sabem de nada?

ALFREDO - (levantando-se) QUER PARAR DE FALAR?!! NÃO AGUENTO MAIS!!!! (anda até o poste e o abraça)

AFRÂNIO - Ah!, não quer saber? Eu também não sabia de nada.

ALFREDO - É um pesadelo... Tô até tonto...

AFRÂNIO - Agora imagine-se passando por tudo isso.

ALFREDO - Su mãe.

AFRÂNIO - Porque você, como toda essa sociedade de merda - corrupta e infeliz - faz questão de ignorar tudo que se pas -sa - por comodismo. Na verdade estão aí, sendo tortu -rados, massacrados e explorados todos os dias, por to -dos os meios. (sentando-se no meio-fio da calçada) É por isso que nunca sabem de nada.

ALFREDO - (vira-se e fica encostado no poste. pausa) Gostaria de saber, o que é que o Miguel pensa.

AFRÂNIO - Não me interessa nem um pouco.

ALFREDO - Tudo isso é um absurdo...

AFRÂNIO - Não, não é... É pura realidade... (pausa. Alfredo vai até o muro para urinar) Alfredo, me diz uma coisa: - que tipo de teatro você faz?

ALFREDO - (de costas para a plateia, urinando no muro) S'eu disser, do jeito que cê tá, vai acabar rindo de mim.

AFRÂNIO - Então diz.

ALFREDO - ... Infantil.

AFRÂNIO - (irônico) É, tem cara mesmo. Só podia.

ALFREDO - (virando-se, ajeitando-se) Foi o que sempre quis.

AFRÂNIO - Na verdade poucos tem êsse previlégio. Sempre quis mui

ta coisa e fiquei reduzido a isso.

ALFREDO - Afrânio, ...sempre soube que ladrão, estropador de criança é que entrava na porrada. (sentando-se ao lado de Afrânio)

AFRÂNIO - Já não é mais assim. Não existe mais contrôle. Todos nós estamos sujeitos a isso há qualquer momento - sa be-se lá o motivo.

ALFREDO - Sem mais nem menos é inconcebível.

AFRÂNIO - Pra eles não. É rotina.

ALFREDO - Mas eles podem ser vítimas deles mesmos, não pode?

AFRÂNIO - Quem garante isso?

ALFREDO - Ora, um dia o círculo se fecha, e essa é a ordem natural das coisas.

AFRÂNIO - Nada disso existe. Quem tá nessa cê acha que vai esperar um dia as coisas se voltarem contra eles?

ALFREDO - Mas deve tá sabendo que a vida dêles trocada por mer  
da e nada, é a mesma coisa.

AFRÂNIO - E dos torturados, o que é que sabe?

ALFREDO - Deve ser a mesma coisa. Nenhum dêles pode andar por  
aí como qualquer pessoa.

AFRÂNIO - Não existe diferença. Depois do primeiro encontro, é  
só uma questão de quem encontra primeiro quem.

ALFREDO - Porra, isso aí é fôda.

AFRÂNIO - De que lado quer ficar?

ALFREDO - De lado nenhum. Não quero entrar nessa.

AFRÂNIO - Não adianta fugir. Não tem escolha. Se for escalado  
vai dançar. Não adianta não querer.

ALFREDO - (levantando-se) Não, de jeito nenhum. Tá maluco.  
(afastando-se)



AFRÂNIO - Você não tem escolha.

ALFREDO - (para e vira-se, lentamente, surpreso) Eu? Porque?

AFRÂNIO - Tá escalado. E daqui, - sem mais nem menos - não vai sair. (em off - latidos de cachorro, distante)

ALFREDO - (assustado) Ô Afrânio, como meu amigo não devia fa zer uma coisa dessas

AFRÂNIO - (interrompendo) Já estou fazendo. (em off - latidos de cachorro, distante)

ALFREDO - (aproximando-se de Afrânio) Sou teu amigo.

AFRÂNIO - Exatamente por isso, é que vais me dar uma mão nessa hora difícil. (em off - latidos de cachorro, distante)

ALFREDO - Mas como?, se só você é que tem revólver?

AFRÂNIO - Na hora que ele chegar nós vamos ver.

ALFREDO - E como é que pensa que êle vai chegar? (em off - latidos de cachorro, distante)

AFRÂNIO - (levantando-se com gestos) Ora porra; na hora a gente vê! (afastando-se)

ALFREDO - Não podemos ficar aqui parados.

AFRÂNIO - (voltando e parando junto ao poste) Quem sabe saímos por aí gritando que estamos esperando por êle?

ALFREDO - Tô falando sério, Afrânio. Aqui parados estamos dando sopa na crista.

AFRÂNIO - Antes você não tava nem um pouco preocupado. Agora tá se cagando todo.

ALFREDO - Êle deve ser um cara prevenido. (em off - latidos de cachorro, distante)

AFRÂNIO - Também sou. Só que em primeiro lugar, tenho que sentir a reação dêle.

ALFREDO - (indo até o muro para urinar) Como é que posso te ajudar?

AFRÂNIO - Dois é sempre melhor do que um. (em off - latidos de cachorro, distante)

ALFREDO - (de costas para a plateia, urinando no muro) Não posso esperar assim. Não tá vendo que tô de noiva - totalmente de branco.

AFRÂNIO - Trata de te acalmar e espera.

ALFREDO - Ai, assim é brabo. Não sei esperar...

AFRÂNIO - Então começa a aprender, porque vai esperar como eu.

ALFREDO - (virando-se, ajeitando-se) E logo hoje. (em off - latidos de cachorro, distante)

AFRÂNIO - Tá com medo?

ALFREDO - É claro que tô! (encostando-se no poste)

AFRÂNIO - Eu também. Todos nós temos medo.

ALFREDO - Garante que ele vem?

AFRÂNIO - Já te disse que ele mora na última casa deste fim de rua. Ou será que vou ter que repetir que ele tem que passar por aqui?

ALFREDO - Já repetiu. E se ele não vier? (em off - latidos de cachorro, distante)

AFRÂNIO - É claro que ele vem. Cala a boca e vamos esperar!

ALFREDO - (com desânimo) Tá bom... tá bom...

-(Pausa. - Passagem de Tempo - Madrugada. Afrânio sentado no meio-fio da calçada, encostado no poste. Alfredo de costas para a plateia, urinando no muro.)-

AFRÂNIO - (irônico) Do jeito que mijá vai acabar apodrecendo o muro.

ALFREDO - Essa espera é pior do que qualquer coisa.

AFRÂNIO - Não viu nada ainda.

ALFREDO - A vontade de fazer xixi, o medo, a angústia, e essa

AFRÂNIO - (interrompendo) PÁRA DE ENCHER O SACO?!! Já tô ficando puto da vida contigo, Alfredo.

ALFREDO - (voltando-se, ajeitando-se) Não posso ficar calado, não aguento.

AFRÂNIO - (levantando-se) Porra, será que vou ter que

ALFREDO - (interrompendo) Não fiz nada contra ninguém pra pas sar por isso.

AFRÂNIO - Eu também não. E agora não tenho saída. (afastando -  
-se)

ALFREDO - Então me deixa ir embora.

AFRÂNIO - Não!



ALFREDO - Só depende de ti.

AFRÂNIO - (voltando-se) JÁ DISSE QUE NÃO!!!

ALFREDO - Não precisa gritar! Não sou surdo. (encostando-se no poste) Além de tudo não gosto nada de tá sendo usado.

AFRÂNIO - (sentando-se no meio-fio da calçada) Somos todos usados. Quando não servimos mais, nos atiram no lixo - o lixo humano -, o equilíbrio assassínio.

ALFREDO - (debochando) Que equilíbrio assassínio? Isso não existe.

AFRÂNIO - Não entende ou não quer entender?

ALFREDO - (desanimado) Já nem sei o que quero...

AFRÂNIO - Pois devia saber.

ALFREDO - Gostaria muito. Aliás, preciso descobrir qual é a minha culpa pra passar por isso.

AFRÂNIO - O quê?

ALFREDO - Pra ser punido dêsse jeito tenho que ter uma culpa, não é?

AFRÂNIO - Quer fazer o favor de me explicar que culpa é essa?

ALFREDO - (pensa) Não sei.

AFRÂNIO - Se não sabe pra que que fala?

ALFREDO - É que talvez sejamos tão culpados, quanto êles, e vamos nos torturando - torturados por nossas próprias máquinas.

AFRÂNIO - Alfredo: - tá ficando maluco?

ALFREDO - Tô conferindo a realidade.

AFRÂNIO - Que no momento é uma só: - o Miguel tá pra chegar, e nós vamos esperar.

ALFREDO - Até quando?

AFRÂNIO - Ele passar por aqui! É só ter paciência.

ALFREDO - Isso não tem lógica.

AFRÂNIO - Nada tem lógica.

ALFREDO - Já te deu conta do tempo que estamos aqui? Você até já parou de olhar o relógio.

AFRÂNIO - (olhando para o relógio no pulso) Não tem importância. Ele vem.

ALFREDO - Nós vamos é ficar cansados de esperar. Mais do que já estamos. E caso ele não venha?

AFRÂNIO - (com desânimo) Não te preocupa... O Miguel já vem...

ALFREDO - (sentando-se no meio-fio da calçada) Essa tua certeza é que me mata. E a gente aqui: - esperando.

AFRÂNIO - Alguma sugestão melhor...?

ALFREDO - Por enquanto não. (pausa) E se ele não vier, o que

é que vamos fazer?

AFRÂNIO - Depois a gente vê...

ALFREDO - Isso é muito incerto. Vamos ver agora.

AFRÂNIO - Não...

ALFREDO - Precisamos nos prevenir!

AFRÂNIO - Contra o que...?

ALFREDO - Não podemos ficar aqui, assim, indefinidamente.

AFRÂNIO - E não estamos...

ALFREDO - Acho que podemos saber o que fazer depois. Ele já deveria ter chegado. O próximo passo é sempre importante.

AFRÂNIO - Ainda não sei...

ALFREDO - Tem que saber. É quase dia e nada aconteceu. (pausa)

Seja sincero: - tenho ou não tenho razão?

AFRÂNIO - Não sei...

ALFREDO - O que você quer e não saber de porra nenhuma.

AFRÂNIO - Nosso negócio é esperar.

ALFREDO - (com gestos) Esperar, esperar, esperar, ... (com os braços abertos, para o alto) Até quando?

AFRÂNIO - (pausa. Levanta-se e anda de um lado para outro, falando para si mesmo) Isso não podia dar errado. Não podia mesmo.

ALFREDO - Já está dando.

AFRÂNIO - Tô pensando alto, falando comigo mesmo.

ALFREDO - Ainda não aprendeu que nem tudo é como a gente quer? E de mais a mais, temos aqui o mesmo interesse. Ou não temos?



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-625

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

AFRÂNIO - Resolveu assumir, cara?

ALFREDO - Tenho escolha?

AFRÂNIO - Sabe que não. Ninguém tem escolha. A gente sempre faz o que nos é impôsto.

ALFREDO - (levantando-se) Sendo assim, temos que pensar no que vamos fazer depois.

AFRÂNIO - Pensar, pensar... Não faço outra coisa.

ALFREDO - Não adianta, Afrânio. Não adianta. Tô ficando cansado.

AFRÂNIO - Eu também. O dia inteiro esperando, a noite inteira. Pra nada. Pra nada. Que merda.

ALFREDO - (indo até o muro para urinar) Diante de tanta certeza que você tinha

AFRÂNIO - (interrompendo) Não sou advinho. (pausa) O que é que quer que eu faça? Por essa não esperava.

ALFREDO - (de costas para a platéia, urinando no muro) Ah não?  
Pois devia ter pensado nisso.

AFRÂNIO - (sentando-se bruscamente no meio-fio da calçada) Mi-  
nha cabeça tá virada numa coisa.

ALFREDO - O que é que deu errado?

AFRÂNIO - Não sei!

ALFREDO - (virando-se, ajeitando-se) Não adianta ficar brabo.  
Em tudo que se planeja há o cálculo do risco.

AFRÂNIO - Não sou matemático.

ALFREDO - Não precisa ser. Seguro morreu de velho. (encostan-  
do-se no muro)

AFRÂNIO - Agora, nada disso interessa. (olhando para o relógio  
no pulso) Alguma coisa deve ter acontecido. Ele já  
devia ter chegado.

ALFREDO - É correta essa tua informação, hém?

AFRÂNIO - Corretíssima. Eu mesmo investiguei tudo. Todas as informações foram checadas. Não tem erro.

ALFREDO - (indeciso) Ele, realmente, tem que passar por aqui?

AFRÂNIO - (irritado) Porrá! Será que vou ter que perder a paciência contigo? Não tenho mais saco pra te aguentar não, cara. Me pergunta sempre as mesmas coisas.

ALFREDO - (com gestos de defesa) Eu só quero saber, ter certeza.

AFRÂNIO - (levantando-se, agressivo) Já te disse tudo que queria saber! Qual é a tua agora?

ALFREDO - (com gestos de defesa) Tudo bem, tudo bem. O que quero te dizer, é que eu tenho o próximo passo.

AFRÂNIO - (aproximando-se de Alfredo, agressivo) Se pensa que vai se livrar de mim, tá muito enganado. Porque antes disso você também vai dançar, meu irmão.

ALFREDO - (irritado) Tô sabendo de tudo isso. Não adianta nada

me ameaçar! Não aconteceu nada ainda.

AFRÂNIO - (pausa. Afrânio pensa, afastando-se) Está bem. Es-  
-tá bem. Qual é o próximo passo?

ALFREDO - Vamos nos revesar.

AFRÂNIO - (voltando-se, com gestos) Essa não! E quem garante  
que você

ALFREDO - (interrompendo) Deixa de ser idiota. Escuta: - é o  
que posso fazer por tí! Já estamos aqui um tempão, e  
tanto você como eu estamos no prego.

AFRÂNIO - (desconcertado) Não, não, não vai dar certo. Não  
posso desistir, e depois

ALFREDO - (interrompendo) O que é?! Não consegue mais pen-  
sar?!

AFRÂNIO - É, é o que estou tentando fazer.

ALFREDO - (aproximando-se de Afrânio) É-o-que-fêz-até-agora.  
Presta atenção: - se êle tivesse que vir já teria

vindo, e nós não estaríamos aqui, como dois palhaços.

AFRÂNIO - O que não é nada de novo.

ALFREDO - Talvez êle até saiba que você quer a cabeça dêle. Mas o que êle não sabe, é que EU estou aqui, mesmo porque não existe nada entre nós - pelo menos é o que imagino.

AFRÂNIO - E como é que sabe disso?

ALFREDO - Qual seria a reação dêle em me encontrar aqui? - a mesma dos velhos amigos de infância.

AFRÂNIO - Não acredito nisso.

ALFREDO - (continuando) Vai ficar surpreso, e logo vai me perguntar o que faço aqui, a essa hora.

AFRÂNIO - Vai responder o que?

ALFREDO - Mulher! Mulher, cara.



AFRÂNIO - Duvido que dê certo.

ALFREDO - Na pior das hipóteses, vai ficar muito cabrero em me encontrar aqui. E o que é que tenho a perder?

AFRÂNIO - (desanimado) Não consigo entender nada disso...

ALFREDO - (com gestos) Não consegue entender!, não consegue entender o cassête. Se não for eu vai ser êle.

AFRÂNIO - Quer dizer então, (pensa) ...que quer encontrar êle primeiro?

ALFREDO - (enfático) Exatamente. Acertou em cheio.

AFRÂNIO - E se êle não vier?

ALFREDO - Aí você estará aqui, enquanto EU descanso.

AFRÂNIO - Se eu deixar!

ALFREDO - (com gestos) Do jeito que vou estar, durmo em qualquer lugar.

AFRÂNIO - (pensativo, com leve sorriso) É de se pensar ... É de se pensar...

ALFREDO - Não há o que pensar, Afrânio.

AFRÂNIO - (sorrindo) E o que é que pretende fazer, hém?

ALFREDO - Primeiro, sentir a reação dêle. Depois é que vou saber.

AFRÂNIO - O que quero saber, é como?

ALFREDO - Como?, como? Com o teu revólver, é claro.

AFRÂNIO - (sério) Ah!, essa não.

ALFREDO - Pra que que vai precisar dêle, se não vai estar aqui?

AFRÂNIO - Não sei mais andar desarmado.

ALFREDO - (irônico) Já sei, já sei. Realizou o sonho da tua infância: - o Mocinho em busca de justiça.

AFRÂNIO - Não fôde, cara, não fôde. Vai gozar tua mãe.

ALFREDO - Quer me botar numa guerra desarmado?, numa muito pior? Numa bronca dessa e sem arma não sou ninguém!

AFRÂNIO - (pensa, passando as mãos no rêste) Tá bom, Tá bom. Tem razão. Tô sabendo o que é isso. (pausa. Alfredo encosta-se no muro; Afrânio acompanha os movimentos de Alfredo) Como estou cansado, aceito o teu plano. Mas tem o seguinte: (pausa)

ALFREDO - Continua.

AFRÂNIO - Quando voltar, ou êle vai estar morto - e vou saber de qualquer jeito -, ou você vai estar aqui. Do contrário,

ALFREDO - (interrompendo) Deixa de ser desconfiado, Afrânio.

AFRÂNIO - Quem está por um, está por dois. E eu não tenho mais nada a perder. Cuidado. (afastando-se)

ALFREDO - Êi, espera 'aí!

AFRÂNIO - (voltando-se) O que é agera?

ALFREDO - O revólver.

AFRÂNIO - (pausa. Põe a mão sobre a camisa que encobre o revólver) Vai saber usar isso aqui?

ALFREDO - No desespêro é só apontar e apertar o gatilho.

AFRÂNIO - Depois de destravar. (tirando o revólver da cintura) Olha bem contra quem vai usar.

ALFREDO - Não precisa nem dizer.

AFRÂNIO - (com o revólver na mão) E quem me garante que não vai me acertar pelas costas?

ALFREDO - Tua desconfiança é o cúmulo. Tô sabendo que não tenho saída. Do que vai me adiantar fazer isso?

AFRÂNIO - Não sei. Mas se escapo dessa, pra mim é fácil con-

seguir outro.

ALFREDO - Pra mim não é.

AFRÂNIO - Todo cara com uma merda dessa na cintura, se sente mais homem do que os outros. Olha lá, hém? (entregando o revólver para Alfredo)

ALFREDO - (olhando para o revólver em suas mãos) E dizer que chegou a me apontar isso.

AFRÂNIO - (apontando) Esse não é de brincadeira.

ALFREDO - (apontando o revólver para Afrânio) Bem que eu po dia te dar um tiro, não é?

AFRÂNIO - Tua cabeça é teu mestre. (virando-se e saindo) Tô sabendo que não vai fazer isso.

ALFREDO - Que bela oportunidade tô tendo.

AFRÂNIO - (saindo de cena) Aproveita. Já é um bom começo.



ALFREDO - (só em cena, baixa o braço pondo o revólver na cintura para dentro das calças sob a camisa. Pensativo) É, mas bem que podia. Bem que podia. (olhando para onde Afrânio saiu, sentando-se no meio-fio da calçada, encostando-se no poste) Puxa, que alívio. Consegui. Agora... preciso pensar... como é que vou sair dessa. Como? (pausa. Ouve-se dois tiros - um seguido do outro - distantes, com o cachorro que volta a latir. Alfredo assustado, levanta-se tirando o revólver da cintura, desajeitado, olhando para ele em suas mãos com os olhos arregalados, saindo de cena aos gritos, correndo) Ô...Ô... Ô Miguel! Ô Afrânio! AFRÂNIO!... AFRÂNIO! AFRÂNIO! AFRÂNIO!... AFRÂNIO!...

- FECHAM-SE AS CORTINAS -

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90030-020

TEATRO DE ARENA - 226.0242  
 Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90030